





# CRISTIANISMO

*Narrou um viajante cristão que, chegando à tarde a uma aldeiazinha, quando tocavam o sino da igreja, notou que o templo estava às escuras, e que pelas ruas deslizavam os fiéis, levando pequeno objeto, que eram lâmpadas de bronze. E um aldeão explicou, segundo o que tem sido divulgado pela imprensa cristã:*

— *“Não temos nenhum outro meio de iluminar nossa igreja. Quando ela foi construída, em 1550, o senhor da aldeia decidiu que cada um devia trazer sua lâmpada. As lâmpadas pertencem à igreja, que as empresta a cada fiel. Acendemo-las numa tocha que fica à entrada.”*

— *E isso, perguntou o estrangeiro, não impede que as pessoas freqüentem os cultos da noite?*

— *“Pelo contrário, respondeu o aldeão: nossa igreja chama-se a Igreja das Lâmpadas Acesas. Cada um vem aqui para torná-la mais luminosa, porque sabe que, se ficar em casa, o templo será mais escuro e o serviço religioso mais triste. O pastor deve ter diante de si as lâmpadas acesas; e cada lugar escuro significa um ausente, um enfêrmo, ou um falecido.”*

*O viajante entrou na velha igreja e viu diante de cada lugar um tripé para se colocar a lâmpada acesa. Debaixo de cada lâmpada, havia um cartão com o nome do atual possuidor. É assim que, há quatro séculos, as lâmpadas vêm passando de mão em mão, e suas doces e inúmeras luzinhas simbolizam a união de toda a aldeia diante de Deus.*

# CRISTIANISMO

ÓRGÃO DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL E ORIENTAÇÃO ECUMÊNICA, SUCESSOR DE "O MUNDO CRISTÃO" E "O COOPERADOR CRISTÃO", PUBLICADO TRIMESTRALMENTE PELA "SOCIEDADE CRISTIANISMO", TEM COMO OBJETIVO: DAR ÊNFASE AO CARÁTER ESPIRITUAL E DINÂMICO DA RELIGIÃO CRISTÃ, MANTER EM RELÊVO A FEIÇÃO ECUMÊNICA DO CRISTIANISMO E SALIENTAR O ASPECTO SOCIAL DO EVANGELHO.

DIRETOR — Epaminondas Melo  
do Amaral (Ferreira de  
Araújo, 101)  
SÃO PAULO

GERENTE — Arrigo Boero  
(Caixa 6613, ou Líbero  
Badaró, 92 — S. 71)  
SÃO PAULO

CONSELHO DA "SOCIEDADE  
CRISTIANISMO" — Ernesto Thenn  
de Barros (Pres.), José Gonçalves  
Pacheco (Vice-Pres.), Zuinglio Themudo  
Lessa (Secr.), Arrigo Boero  
(Tes.), João Del Nero, Ruben Duffles  
Andrade e Th. Henrique Maurer  
Jr. (Vogais).

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA — E. M. do Amaral, Jorge C. Mota, Isaac N. Salum.

Os artigos assinados expressam  
ideias por que são responsáveis  
seus autores.

## ASSINATURAS

Assinantes comuns — Cr\$ 200,00  
Assinantes-Cooperadores —  
Cr\$ 500,00 ou quantia maior.  
As assinaturas terminam em  
dezembro

"CRISTIANISMO" depende dos  
amigos do seu programa.  
Nossas despesas são feitas apenas  
com a impressão e expedição do  
jornal. Nada custam a redação e a  
administração; mas os trabalhos  
gráficos reclamam agora gastos  
bem sensíveis.

No intuito de regularizar a expedição de nosso jornal, evitar desperdícios e beneficiar nossos leitores, pedimos, com empenho, que todos os que tiverem ciência de que algum exemplar esteja sendo enviado a endereço errado queiram auxiliar-nos enviando informação que o retifique. Ficaremos agradecidos.

## ENTRADAS DE 3 DE DEZEMBRO DE 1961 A 24 DE MARÇO DE 1962

Assinaturas: Guerino Bertolaso  
Stella, 300,00; Daniel Silveira, Rio,  
200,00; R. G. Loureiro, Rio, 200,00;  
Taciara Toledo, 100,00; Antonio de  
Brito Santana, 200,00; Eugenia de  
Barros Thenn, 500,00; Divaldo Al-  
legro, 100,00. Annibal Nôra, 500,00.

Assinantes Cooperadores: Depar-  
tamento Feminino da Igreja Cris-  
tã de São Paulo, 200,00; Luise Bres-  
slau Hoff, 600,00; Luiz da Silva  
Oliveira, 1.000,00; Charlotte H. Lan-  
des, Rio, 500,00; Rosalina de Bar-  
ros Mota, 1.000,00; Maria Mota Pi-  
rotelli, 200,00; Ismeria Cintra de  
Camargo, 300,00; Arno Kilmar,  
300,00; Maria Silvana Teixeira,  
1.500,00; Angelo Allegro, 200,00.

Sociedade Publicadora: Jorge  
Bertolaso Stella, 700,00; Isaac Ni-  
colau Salum, 500,00; Zuinglio The-  
mudo Lessa, 500,00; Theodoro Hen-  
rique Maurer Jr., 5.000,00; José  
Lucio Sant'Anna, 500,00; Ruben  
Duffles Andrade, 1.000,00; Yolanda  
Pacheco, 2.000,00; José Gonçalves  
Pacheco, 500,00; Isaac Nicolau Sa-  
lum, 500,00; Ruy Gutierrez, 600,00;  
Aureo Cerqueira Leite, 2.000,00;  
Zuinglio Themudo Lessa, 1.000,00;  
Tercio Borges Teixeira, 1.000,00

Ofertas: Departamento Feminino  
da Igreja Cristã de São Paulo,  
400,00; Sátulas do Amaral Camar-  
go, 500,00; Zuinglio Themudo Les-  
sa, 6.000,00 (Registro "Sociedade  
Cristianismo").

## SUMÁRIO DO N.º 151

### ANOTAÇÕES

Cristianismo — Nova Delhi .. 1

José Salum Vilela ..... 2

A III ASSEMBLÉIA DO CON-  
SELHO MUNDIAL DE IGRE-  
JAS ..... 2

### A ATUALIDADE DE RUI

Th. H. Maurer Jr ..... 4

### A MÚSICA SACRA EVANGÉLICA NO BRASIL

Isaac N Salum ..... 7

### SÚMULAS E SELEÇÕES

À Margem de Nova Delhi .... 9

### O HOMEM SANTO

José Gonçalves Pacheco ..... 11

NOS DOMÍNIOS DA BÍBLIA.. 12

ATRAVÉS DO MUNDO ..... 12

*A Confederação Evangélica do Brasil publicou, impresso em mul-  
títile, e com cerca de 100 páginas, um volume que contém a maior  
parte das preleções feitas por ocasião da III Reunião de Estudos,  
promovida pela Confederação.*

*Recomendamos a leitura desses "Estudos Sobre a Responsabilidade  
Social da Igreja". O volume é vendido na Confederação (Caixa  
260 — Rio), ao preço de Cr\$ 100,00.*

## ANOTAÇÕES

### "CRISTIANISMO"

**D**EPOIS de cêrca de 13 anos de publicação, "Cristianismo" passa a ter, agora, formato de revista, havendo assim, principalmente, a vantagem de mais fácil conservação da matéria publicada. Por ora, iremos fazendo apenas trimestralmente a sua publicação.

Seria nosso desejo fazer com que o periódico tivesse melhor apresentação material e pudesse voltar a publicar-se mensalmente. As circunstâncias não permitem nem uma nem outra coisa. Esperamos, contudo, que as providências que a administração de nosso periódico vai tomar contribuam para melhorar a situação financeira, e "Cristianismo" caminhe na direção dos melhoramentos que acabamos de mencionar.

Continuaremos, de nossa parte, a fazer o que nos seja possível, no que respeita à publicação de nossa modesta revista. E desejamos contar com a máxima cooperação de nossos amigos, especialmente no sentido de conseguir que outros, bem compreendendo a situação, venham dar também um valioso concurso, para uma causa que não é nossa, mas é do interesse da causa cristã no Brasil.

### NOVA DELHI

**Q**UANDO, no domingo, 19 de novembro último, foi aberta, com um solene culto, em Nova Delhi, a III Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, iniciava-se, realmente, uma das reuniões mais significativas da história da cristandade (\*). Os amigos do movimento ecumênico, os cristãos a êle indiferentes, e os próprios adversários do Conselho Mundial — todos certamente hão de reconhecer o valor dessa magnífica Assembléia para o futuro da obra cristã, Assembléia a que compareceu elevado número de delegados oficiais, estando ainda presentes outras muitas personalidades, entre as quais observadores oficiais da Igreja Católica Romana. Em ver-

dade foi uma Assembléia notável, que se ocupou com os mais altos interesses da humanidade ligados à consciência da Igreja.

A essa reunião grandiosa estão vinculados acontecimentos de elevada importância para o mundo cristão, que merecem relêvo especial.

Um dêles é a integração do Conselho Internacional de Missões no vasto organismo do Conselho Mundial de Igrejas. Êste, como é sabido, já representava a conjugação de dois movimentos ecumênicos anteriores — o de "Fé e Ordem" e de "Vida e Ação" — que constituem agora dois importantes departamentos de sua atividade, respectivamente relacionados com o problema eclesiástico da unidade e com o da cooperação na obra social. De extraordinário alcance, pois, é a inclusão de um novo departamento, conseqüente da integração do Conselho Internacional de Missões, que vai enriquecer a obra do Conselho Mundial, relacionando-o vivamente com a obra missionária.

Outro acontecimento significativo para êste Conselho foi o considerável aumento do seu quadro social — que agora conta com 198 Igrejas — ficando entre elas incluída a grande Igreja Ortodoxa Russa, que ingressou na obra ecumênica num gesto de alto significado.

A Assembléia reformulou, de maneira mais aceitável, a sua base doutrinária, com ênfase sôbre a Trindade e a Bíblia; estudou grandes temas e tratou de magnos assuntos de geral interesse para a causa da Igreja e para o mundo.

E' para notar-se, ainda, que embora a matéria de intercomunhão não tenha alcançado um plano inteiramente satisfatório, progrediu em Nova Delhi, onde se realizaram serviços eucarísticos abertos a todos.

Os trabalhos cristãos e o progresso das grandes causas gerais e ecumênicas nem sempre corresponderão a todos os nossos anseios. Mas a Assembléia de Nova Delhi, apresentando ao mundo e a tôda a cristandade

um panorama grandioso, em que avultam os magnos interesses das causas humanas vistas à luz de Cristo e de sua Igreja, convida-nos a uma séria meditação e enche as nossas almas de ricas esperanças.

O Conselho Mundial — que não pretende exercer o papel de uma super-Igreja, mas colocar-se ao serviço da cristandade e da humanidade — bem merece uma apreciação mais imparcial e mais simpática das Igrejas do Brasil.

(\*) Ver, nesta pág., “A III Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas”.

### JOSÉ SALUM VILELA

O DESAPARECIMENTO do Prof. José Salum Vilela surpreendeu e consternou os seus muitos amigos e admiradores, dentro e fora das Igrejas Evangélicas.

Inteligente e lúcido, competente e incansável, espírito piedoso e personalidade prática, tombou em plena luta aquêle que se deu por inteiro a grandes obras.

Bastante ligado à Sociedade Cristianismo e ao nosso periódico, o Prof. Salum tinha o seu espírito voltado para os grandes objetivos que êste modesto órgão de imprensa representa — no seu ideal de fraternidade cristã, na interpretação larga e espiritual do Evangelho de Cristo, no continuado esforço em prol da aplicação dos princípios do Mestre às questões sociais.

Foram êsses os ideais pregados pelo mestre de questões econômicas — também diplomado em ciências teológicas — seja pela palavra falada, seja pela escrita; e foram os ideais que animaram em suas lutas.

Destaca-se, entre suas pesadas ocupações, o muito que fêz, até o derradeiro instante de seu trabalho, pela causa do cooperativismo; e não é possível mencionar-se a organização e a impressionante expansão da Cooperativa de Consumo S. Paulo, sem que se pense no imensurável que êle realizou.

José Salum Vilela procurou viver o Cristianismo de Jesus Cristo!

## A III ASSEMBLÉIA DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS

DEPOIS da Assembléia de Amsterdão — onde o Conselho Mundial de Igrejas teve oficialmente sua origem a 22 de agosto de 1948, com o voto de representantes de 147 Igrejas — foi realizada em Evanston, nos Estados Unidos, a sua II Assembléia, para agora realizar-se em Nova Delhi a III, que marcará uma época notável.

**Abertura** — Abriram-se os trabalhos da III Assembléia, no domingo, 19 de novembro de 1961, com 1.200 participantes. Lá estavam 625 delegados oficiais de 175 Igrejas-membros (do Protestantismo, da Ortodoxia Oriental, dos Velhos Católicos); e mais, 125 conselheiros, 65 observadores (entre os quais, 5 do Catolicismo Romano, enviados pelo Secretariado que está ligado, na Igreja, às questões da unidade cristã), 110 representantes da mocidade, 67 delegados fraternais de vários organismos, e outros. Dos participantes da Assembléia 62% eram eclesiásticos e 38% leigos, provinidos da Europa, das Américas, da Ásia, da África e da Australásia. Um culto solene, realizado em uma tenda ao lado da sede da Assembléia, foi presidido pelos 5 presidentes que terminavam o seu mandato (o Metropolita Mar Thoma, da Índia, o Bispo Barbieri, da Argentina, o Bispo Dibelins, de Berlim, o Arcebispo Iakovos, dos E. Unidos, e o Bispo Sherril, também dêste país); êles tiveram a assistência do Pastor Baeta, de Gana; a prédica foi pronunciada pelo Pastor Ba Hmyin, da União dos Batistas da Birmania; e 2 coros entoaram hinos da tradição ocidental e da asiática — um culto, pois, eminentemente ecumênico. E os serviços da abertura e árduos trabalhos no decorrer das sessões muito deveram a 80 voluntários, da Índia, E. Unidos, Europa e Australásia.

**C. I. de Missões** — No início dos trabalhos da Assembléia, foi logo oficializada a integração do Conselho Internacional de Missões no organismo do Conselho Mundial de Igrejas. Êsse importante órgão, que tantas e abençoadas realizações inscreveu em sua rica história de mais de 50 anos, contava agora com 38 membros (Conselhos Cristãos de vários países) e foi muito ligado à obra evangélica do Brasil, desde a antiga Comissão Brasileira de Cooperação, que em 1934 foi integrada em nossa Confederação Evangélica. Desaparece o antigo nome. Porém êle constituirá uma nova Divisão de Missões e Evangelização, no Conselho Mundial de Igrejas, a qual, sem dúvida, vai dar a êste Conselho uma nova força e uma oportunidade, proveitosa, de levar à consciência das Igrejas, em todo o mundo, uma viva responsabilidade

na obra missionária. A nova Divisão mencionada vai ser dirigida pelo Bispo Newbiggin, da Índia. Alguns órgãos filiados ao Conselho I de Missões haviam feito objeções à sua integração no Conselho Mundial de Igrejas, mas a votação da Assembléia de Nova Delhi, nesse sentido, foi unânime.

**Novas Igrejas-membros.** Foi realmente notável o número e o vulto das Igrejas que agora se filiaram ao Conselho Mundial, que passou a ter 198 membros, ao contar com as 23 novas aquisições. Entre essas 23 Igrejas agora filiadas, convém notar que quase metade se constitui de Igrejas africanas; que o Protestantismo está aí novamente representado por Igrejas de tipos mui diversos, como Anglicanos e Pentecostais; que os novos membros pertencem aos vários continentes; e, muito em especial, que várias são as entidades Ortodoxas que agora vieram fortalecer e prestigiar o Conselho Mundial, dessa maneira mais acentuando a sua feição ecumênica (destacando-se, entre elas, pela sua vasta composição e seu prestígio, a Igreja Ortodoxa Russa, que é a maior do mundo, com dezenas de milhões de membros, 30 mil clérigos, 20 mil paróquias, 40 mosteiros, 8 escolas teológicas).

**Temas.** Três grandes temas preocuparam os preparadores da Assembléia bem como os que tomaram parte na reunião de Nova Delhi — o do Testemunho, o do Serviço, e o da Unidade — e sobre eles ouviram-se relatórios e realizaram-se discussões, cujos ecos a Igreja ouvirá em todo o mundo. E outros assuntos de importância ocuparam a atenção dos presentes — como o da liberdade religiosa, sobre o qual foram votados 11 pontos; o que se relaciona com o trabalho leigo; e o que diz respeito à juventude cristã, cuja presença foi marcadamente sentida em Nova Delhi. Os interesses atuais do mundo e da Igreja, que estiveram ligados de maneira proeminente à Assembléia, continuarão a ter sua presença em todo o mundo, mediante a divulgação que se faça dos trabalhos de Nova Delhi. Sobre a unidade, por exemplo, foi apresentada, pela primeira vez “uma formulação descritiva”, e também apresentadas “algumas conseqüências”, como sejam a necessidade, no plano local, de toda cooperação cristã possível — “cultos em comum, grupos de estudos bíblicos, células de oração, visitas em comum, testemunho comum”. E embora ao Conselho Mundial não caiba nenhuma iniciativa direta em casos de união eclesíastica, a Assembléia, fez recomendações sobre o assunto em geral, e particularmente no sentido de maior progresso no que respeita a intercomunhão, pois o atraso nessa matéria vem impacientando principalmente a mocidade.

**Personalidades.** Os 5 presidentes do Conselho Mundial e mais o presidente da Comissão Central

depositaram uma coroa de flores junto ao monumento em memória de Gandhi. O Vice-presidente da República da Índia, Radhakrishnan, deu uma recepção oficial aos delegados, na residência presidencial; e o Primeiro Ministro Nehru visitou a Assembléia e fez um aplaudido discurso de saudação.

**Santa Ceia** — A rigidez eclesíastica de muitas Igrejas têm impedido a participação comum em um só serviço eucarístico. Realizaram-se, durante a Assembléia, quatro diferentes serviços de comunhão: dois deles — o da Federação das Igrejas Luteranas da Índia e o da Igreja da Índia, Paquistã, Birmânia e Ceilão (Anglicana) — foram a abertos a todos os membros comungantes da Assembléia, e foi observado que agora, pela “primeira vez em uma Assembléia do Conselho Mundial, um serviço anglicano de Santa Ceia foi aberto a todos”. Algum progresso, pois, embora ainda estejamos distantes do ideal!

**Novo Praesidium** — No dia 5 de dezembro, encerram-se os trabalhos e tomaram posse os 6 novos presidentes do Conselho Mundial de Igrejas: Pastor Niemoeller, conhecido líder da Alemanha; Arcebispo Iakovos, da Igreja Ortodoxa dos E. Unidos; Rev. Moses, da Igreja da Índia do Norte e do Paquistão; Arcebispo Ramsey, de Cantuária; Sir Francis Ibian, Governador Geral da Nigéria Oriental; Charles Parlin, jurista e banqueiro dos E. Unidos. Deve notar-se que os últimos 2 membros do Praesidium não são clérigos, e o último é representante da raça negra. Foi reeleito Secretário Geral o Dr. Visser't Hooft.

**Declaração final** — A liturgia do encerramento dos trabalhos incluiu um “ato de consagração” que foi pronunciado por todos, em voz alta:

“Confessamos a Jesus Cristo, Salvador dos homens e luz do mundo; juntos, submetemo-nos a seus mandamentos; renovamos nosso compromisso de dar seu testemunho entre os homens; oferecemos a nós mesmos para o serviço de todos os homens, no amor que somente Jesus Cristo suscita; recebemos de novo a vocação de tornar visível nele a nossa unidade; rogamos que o dom do Espírito Santo nos seja concedido para a nossa tarefa”.

**A Sociedade Cristianismo vai dar início, brevemente, à publicação ocasional de livros de cultura religiosa e renovação espiritual, que formarão a “Coleção Ottoniel Mota”. O 1.º será — “O Protestantismo e a Reforma”, de Epaminondas Melo do Amaral.**

## A ATUALIDADE DE RUI

*Th. Henrique Maurer Jr.*

**D**ESDE os tempos da primeira República, fala-se entre nós em um movimento cívico protestante. Já então apareceram alguns candidatos a cargos eletivos e raros deputados evangélicos.

Com a volta ao regime democrático em 1945 e a multiplicação dos partidos, aumentaram extraordinariamente os interessados na própria eleição, para vereadores ou deputados. No meio evangélico nunca tivemos tantas pessoas a participarem da política, alguns como militantes regulares de diversos partidos, outros, certamente mais numerosos, apenas preocupados em conseguirem uma legenda que lhes permitisse concorrer à eleição. A participação protestante nas câmaras legislativas do país, embora ainda seja reduzida, nunca foi tão grande como hoje, às vezes com uma boa fôlha de serviços à nação.

Estou inteiramente convencido de que essa participação deve ser acoroçada. Entendo, porém, que para tanto é urgente formar uma consciência cívica evangélica mais esclarecida e mais bem norteada pelos princípios cristãos de liberdade, de justiça, de respeito à personalidade humana e do bem comum.

Infelizmente a democracia brasileira se caracterizou sempre pela mais lamentável negligência da educação cívica. Pior ainda, de 1930 a 45 se interrompeu a nossa tradição democrática e se suprimiu o pouco que havia de instrução cívica escolar. Durante 15 anos o que germinou e proliferou foi o espírito de aventura e de demagogia, de irresponsabilidade e de arbitrariedade, que faz sentir ainda hoje muitos dos seus efeitos desastrosos.

E — reconheçamo-lo humildemente — também o protestantismo se descuidou mais ou menos inteiramente desse aspecto importante da vida, tolerando a infiltração dos hábitos dominantes de individualismo, demagogia e de ambições carreiristas. Falta-nos, também a nós, a visão clara da supremacia do bem comum, dos interesses sagrados das classes pobres e sofredoras do país, dos graves problemas sociais que estão a exigir soluções inspiradas do ideal cristão de fraternidade e de justiça. Os nossos eleitores nem sempre escolhem o melhor candidato, preferindo o de sua amizade, às vezes o de sua agremiação eclesiástica, apesar de não proporcionar ne-

nhuma garantia de serviço real à nação; os próprios candidatos, mesmo quando honestos e idealistas, têm, quase sempre maior preocupação em serem representantes do protestantismo do que do povo brasileiro e dos seus grandes interesses, como caberia a um verdadeiro estadista, sobretudo cristão, **para quem o governo existe para o bem dos cidadãos** (Rom. 13,3).

Até a ditadura tem tido os seus admiradores no nosso meio, embora a liberdade e a democracia sejam da essência da tradição cristã reformada.

Tudo isto nos está mostrando a necessidade de se constituir uma consciência cívica evangélica e uma visão mais clara dos deveres do cidadão e da missão do político e do estadista no regime democrático. Precisamos urgentemente de verdadeiros cristãos no governo, mas estes só se revelarão tais se promoverem uma administração a serviço do homem, revelando-se defensores zelosos da justiça e do direito, especialmente dos pequeninos e dos oprimidos, que saibam ser desambiciosos e inflexíveis na fidelidade aos princípios santos do bem.

Para conseguir êsse desiderato é preciso estudarmos melhor a aplicação dos grandes ensinamentos éticos e humanos do Novo Testamento às atividades políticas, mas não devemos esquecer-nos também da influência inspiradora que podem ter grandes modelos do passado. Entre nós temos uma magnífica expressão concreta dos verdadeiros ideais de uma democracia alicerçada nos princípios cristãos da liberdade, da justiça e do direito. Refiro-me a Rui Barbosa, o grande estadista do Império e sobretudo da República, o mais notável apóstolo da democracia durante quase 50 anos de luta incansável pela sua concretização plena na administração do país.

Temos, em todo o pensamento e na vida do grande estadista, os traços de uma profunda influência cristã e evangélica, que transpira de quase tôdas as suas páginas. Essa influência, a qual pretendo examinar em outro artigo dêste jornal, torna Rui particularmente digno do estudo e da veneração por parte dos nossos jovens, sobretudo daqueles que sonham com uma carreira política. Tanto mais urgente é essa volta a Rui, quanto



mais vivemos atualmente afundados em hábitos políticos de uma demagogia perniciosa e quanto mais se verifica que o nome do admirável campeão da democracia vai sendo relegado ao esquecimento como doutrinador antiquado ou obsoleto.

Há, na personalidade e na obra de Rui, alguns aspectos merecedores do estudo e da imitação da nova geração, se ela quiser realizar uma tarefa política de larga envergadura. O presente tem de inspirar-se no que há de melhor no passado, se pretende produzir algo de valioso e de duradouro.

Para nós evangélicos nenhuma figura da história do Brasil encarna melhor do que êle os nossos ideais de uma política de princípios, consagrada ao interesse geral da nação — a única que pode merecer o nome de "cristã", porque a política tantas vêzes cultivada no nosso meio, preocupada em defender o protestantismo e seus interesses, não passa ainda de inspiração mundana e pagã. Lembremos de que para Cristo a preocupação e a defesa dos seus é própria dos gentios; o que caracteriza o cristão é o interesse nos outros, em todos. Também a Igreja, como o indivíduo, é chamada não para salvar a sua vida, mas para perdê-la e dá-la pela vida do mundo. Assim, a presença dos nossos políticos no governo **não se destina a salvar a situação do protestantismo, mas, antes de tudo, do Brasil**, zelando pelo bem estar de todos os seus cidadãos, particularmente dos mais humildes.

Não me é possível examinar aqui pormenorizadamente a obra de Rui. Limitar-me-ei a lembrar alguns aspectos de sua multímota personalidade política. Não ignoro que Rui tinha seus defeitos. Sobretudo, foi acusado, mesmo pelos seus amigos, de um excessivo senso de dignidade própria ou de orgulho. Mas, as suas qualidades pessoais, cívicas e cristãs, predominam impressionantemente no seu caráter, a começar de sua vida particular, onde se distinguiu como espôso e pai dedicado, muito caseiro nos seus costumes, ao contrário do que caracteriza tantas vêzes a vida dos que se dedicam à política, moderado em todos os seus hábitos, sem vícios, nem ao menos o de fumar ou de beber.

Quanto à sua vida política de quase 50 anos, distinguiu-se por uma fidelidade coerente e incessante aos grandes princípios da democracia, que para êle não se limitavam à liberdade, mas a esta completada pelos ideais da justiça e do direito. O credo político que o norteou durante tôda a sua carreira está resumido nestas palavras que êle mesmo cha-

mava "o meu velho credo político, estampado na minha vida":

"Creio na liberdade onipotente; creio na lei, a primeira das suas necessidades; creio que, neste regime, o único poder soberano é o do direito, interpretado pelos tribunais; creio que a própria soberania popular tem limites insuperáveis nos princípios eternos, a que obedecem as constituições livres; creio que a República decai, por ter abdicado na cegueira da fôrça; creio que a federação expirará, se continuar a desconhecer a justiça" (Discursos e Conferências, 1.ª ed., pág. 409).

O que entende por direito, di-lo em um artigo da *Imprensa*: "Êsse, aos nossos olhos, não tem acepção de pessoas, interesses, ou opiniões. Na ínfima das criaturas, na mais aviltada, na mais perdida, projeta os seus raios imaculados, como o sol resplandecendo com a mesma pureza no cristal do oceano ou no lôdo dos charcos. Quanto mais se rebaixa o ente humano, quanto mais se alonga da sua origem, quanto mais abandonado parece do céu e da terra, mais jus tem a essa proteção da justiça, que não conhece precipícios nem alturas, não varia dos palácios às choupanas, dos tronos às enxovias" (Apud João Mangabeira, *Rui o Estadista da República*, págs. 361 e s).

Com êstes belos conceitos se harmoniza, de maneira notável, o seu comportamento de homem público, sempre idealista, sempre intransigente, sempre corajoso, sempre coerente na defesa dos seus princípios. De fato, a história de sua carreira política é a história de uma luta incessante pela prática honesta e real dos ideais da democracia. Sempre inflexível, pairando acima das amizades, dos partidos e das facções, dos desejos e das injunções do poder, dedicou-se ao serviço da Pátria e, ainda mais, ao da justiça e do direito, porque não admitia aquela sem êstes. São êstes princípios que o isolaram do Partido Liberal no fim do Império e o levaram a renunciar a uma pasta do Ministério Ouro Preto; foram êles que o levaram a ameaçar rompimento com o seu grande amigo, marechal Deodoro, por constar-lhe que êste tinha permitido a viagem de um protegido para a Europa à custa do Tesouro. E quem não conhece a sua luta decidida contra Floriano, do qual fôra muito amigo, porque êste se deixou seduzir por ambições dictatoriais, ou ainda a sua oposição quase ininterrupta aos governos republicanos, inclinados sempre à arbitrariedade, ao desrespeito da lei e à opressão das oposições?

Lição preciosa e hoje muito necessária se contém nas seguintes palavras que transcrevo de uma carta sua dirigida ao presidente Afonso Pena em dezembro de 1908, pouco antes da campanha civilista: **"Entendo que nenhum cidadão se deve considerar candidato, enquanto não fôr designado por um movimento de opinião pública, por um partido político, ou por um estado da União. Nas várias eleições que me tem mantido na cadeira de senador, nunca me apresentei candidato, e sempre anunciei que o não era. As minhas candidaturas têm sido tôdas obras da vontade espontânea e geral do Estado que represento"** (Cartas Políticas e Literárias, pág. 138). Oportuníssima observação essa do grande estadista para uma época em que tanta gente se arvora em candidato, sem ser lembrado nem escolhido a não ser por si mesmo!

Já velho, resumindo a sua vida política no famoso discurso de paraninfo dirigido aos bacharelados da Faculdade de Direito de São Paulo, faz esta confortadora declaração: **"Tenho o consôlo de haver dado ao meu país tudo o que me estava ao alcance: a desambição, a pureza, a sinceridade, os excessos da atividade incansável, com que, desde os bancos acadêmicos, o servi"**.

Objeta-se às vêzes que Rui é uma figura do passado, porque os grandes problemas do mundo atual são sociais e econômicos e não simplesmente políticos, como se admitia no seu tempo. Não há negar que os últimos anos nos deram a consciência da inseparabilidade da justiça econômica e da liberdade política, como nenhuma época anterior a teve, mas cumpre lembrar:

a) A reforma econômica não pode divorciar-se dos princípios sagrados da liberdade e da justiça, que são o apanágio da democracia;

b) o apostolado de Rui em prol dos oprimidos, revelado na campanha abolicionista, por exemplo, nos dá magnífica lição de verdadeiro zêlo pela causa dos oprimidos, sobretudo se nos lembrarmos de que êle não queria simplesmente a libertação dos escravos, mas a sua elevação social pela educação;

c) Rui foi dos primeiros a lembrar entre nós que havia uma questão social que devia ser resolvida. Em seu discurso de março de 1919 intitulado "A Questão Social e Política no Brasil", expõe um programa de reforma e declara: **"Estou, senhores, com a democracia social"**.

Oxalá aprendam com o grande apóstolo da verdadeira democracia os moços de hoje

a lição de rigorosa fidelidade aos princípios santos da justiça e do direito. Cultivem a mesma intransigência com tudo o que é ilegal, com tudo o que é arbitrário, com o que é injusto e desonesto. Possam êles dizer o que o grande Rui disse em certa ocasião a um dos nossos presidentes, respondendo à queixa de que "com êle não se podia contar":

**"Dizem bem. Não se pode contar comigo para a injustiça, para a ilegalidade, para a opressão, para as violações do regime constitucional. Mas quando se necessite de um homem que não minta, que não bajule, que aconselhe com sinceridade, que não suba as escadarias da administração para lhe solicitar as mercês, mas não se recuse, nas grandes ocasiões, a carregar com as responsabilidades, então é comigo, e não com êsses, que se há de contar. Isso é o que eu estou sendo, o que sempre fui, o que hei de ser, enquanto Deus, cuja misericórdia tem sido tanta comigo, me não privar da minha identidade moral. Não sou dos que acompanham os governos a despeito de tudo. Não. A despeito de tudo só acompanho a minha consciência. Mas, estando com ela, então o amigo com quem me acho, a causa a que sirvo me tem a seu lado; sim, sim e re-sim; a despeito de tudo"**. (Apud João Mangabeira, op. cit., pág. 225).

Eis algumas razões por que creio infinitamente compensadoras a leitura e a meditação dessa grande vida e dessas ricas páginas de inspiração para aquêles que desejam hoje consagrar-se honestamente ao serviço da Pátria, um dos mais belos campos de ação cristã no mundo.

#### O R A Ç Ã O

*Ô Senhor, levanta sôbre nós a luz da tua face; governe a tua paz os nossos corações, e se torne a nossa força e o nosso cântico na casa da nossa peregrinação. Ao teu cuidado e proteção nos entregamos neste dia; seja poderosa em nós a tua graça, saciando as nossas almas e operando em nós o querer e o perfazer da tua santa vontade. Preserva-nos do pecado; dá-nos o domínio sôbre os nossos próprios espíritos; e guarda-nos de falar inadvertidamente com os nossos lábios. Faze-nos viver juntamente em paz e santo amor, e sôbre nós ordena a tua bênção, sim, a vida para sempre. Prepara-nos para tôdas as conjecturas deste dia, pois não sabemos que coisa nos pode o dia trazer. Dá-nos a graça de nos negarmos a nós mesmos, de tomar a nossa cruz cada dia, e seguir os passos de nosso Senhor e Mestre. Amen.*

## A MÚSICA SACRA EVANGÉLICA NO BRASIL

Isaac Nicolau Salum

EM dezembro de 1954, em número especial de "O Estandarte", comemorativo do quarto centenário da cidade de São Paulo (ano 62, n.os 23-24), às págs. 11-20, sob o título "A Música Sacra Evangélica no Brasil", publicou a Profa. Henriqueta Rosa Fernandes Braga um substancial estudo de interesse capital para a nossa hinologia. Calculadas bem as proporções do texto desse estudo, as dez páginas que ele ocupa em "O Estandarte" dariam um livro de porte comum, com cerca de 40 páginas.

Era um trabalho pioneiro, pode-se dizer, sem injustiça para quaisquer levantamentos anteriores, todos parciais ou superficiais. — mesmo tendo-se em conta os quatro volumes de *Lembranças do Passado*, do Dr. João Gomes da Rocha, e ainda os excelentes subsídios para a história da nossa hinologia contidos na lista substancial, apesar de às vezes indigesta, da parte introdutória da 4.ª edição de *Psalmos e Hymnos com Músicas Sacras* (de 1919), especialmente págs. III-XVI, lamentável e incompreensivelmente suprimida pelos que fizeram a 5.ª edição, em 1960. Aliás, o artigo referido se valeu muito das informações do Dr. J. G. da Rocha.

O estudo da professora carioca é um apinhado feliz do que se podia reunir sobre música e hinos na vida dos vários movimentos evangélicos que militam em nossa pátria: congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas, episcopais, irmãos unidos, luteranos, pentecostais, assim como Associação Cristã de Moços e Exército da Salvação. Ressalta, como é de se esperar, a importância do casal Kalley, de H. Maxwell Wright, de João Boyle, James T. Houston, Santos Neves, Otoniel Mota, Salomão L. Ginsburg, W. E. Entzinger, para só mencionar alguns dos já falecidos, entre criadores e cultores da nossa hinologia. Dedicou seções especiais às publicações avulsas evangélico-musicais e à música nas Igrejas e noutras seções do evangelismo brasileiro. São 14 seções de leitura muito agradável.

Referindo-me aos problemas de cunho histórico e normativo — sobretudo aos históricos — da nossa hinologia, numa das seções do *I Festival de Música Sacra*, promovido pela Comissão de Música da Igreja Metodista Central de São Paulo, insisti na importância daquele estudo, "infelizmente sepultado, dizia eu, porque a imprensa periódica ou diária é ao mesmo tempo divulgadora e sepultura de estudos de valor". Foi então que fiquei sabendo que a autora prepara-

va uma reedição do trabalho. A notícia era alvissareira. Um ano depois, em maio ou junho de 1961, saiu a obra tão esperada. Mas que "reedição"?! As quarenta páginas transformaram-se em 449, e mais cerca de 10 fôlhas de clichês ilustrativos em páginas não numeradas, entremeadas no texto!

*Música Sacra Evangélica no Brasil*, sem o artigo definido que o estudo de "O Estandarte" contém — certamente para dar um tom mais modesto à obra —, apresenta excelente trabalho gráfico. Na capa, em cores, sobre um ramo florido, um hinário aberto diante de uma ogiva gótica, ostenta um trecho do salmo 5, na metrificação de Rev. Manuel da Silveira Pôrto Filho, música (melodia apenas) de Claude Gondimel, transcritos na íntegra nas páginas 43-45 do livro —, por ter sido o salmo 5, na metrificação de Clement Marot, cantado no primeiro culto realizado pelos huguenotes na Guanabara, a 10 de março de 1557. A obra toda contém cerca de trinta clichês ilustrativos, a metade deles fora do texto.

A Profa. Henriqueta Rosa Fernandes Braga, descendente de ilustres membros da Igreja Evangélica Fluminense, da rua Camerino (Rio de Janeiro), é filha do Presb. José Luiz Fernandes Braga Júnior e de Da. Henriqueta Fernandes Braga, filha do Prof. Remígio Cerqueira Leite. Dedicou-se à música sacra influenciada certamente pelo piedoso ambiente do lar cristão de seus pais e pelo gosto de seu venerando e saudoso pai, que se interessou muito pela hinologia, iniciando uma boa biblioteca hinológica. Hoje, professora catedrática de História da Música da Escola Nacional de Música, a Profa. Henriqueta Rosa Fernandes Braga é das nossas maiores autoridades em música sacra evangélica.

Publicou em 1947, pela Livraria Agir, a coletânea *Cânticos de Natal* de 125 páginas, contendo 30 hinos, com introduções a cada um. A segunda tiragem saiu em 1954, pela Livr. Cív. Brasileira, e a terceira, em 1960, pela Livraria Kosmos. Em 1958, publicou pela Livr. Kosmos a monografia *Do Coral e sua Projeção na História da Música*, com 118 páginas. Pela mesma editora, faz sair agora esta obra mais alentada — *Música Sacra Evangélica no Brasil*, vinda à luz no 2.º trimestre de 1961, com 450 páginas.

Apesar de o estudo sobre o Coral representar um trabalho paciente, de grande valor e interesse para nós protestantes e de estar baseado

em copiosa bibliografia especializada, *Música Sacra* lhe é muito superior, quanto ao método expositivo, pela riqueza da documentação apresentada nas notas de rodapé. Ademais, tem muito maior interesse para o público evangélico, porque é um esforço de levantamento das informações que se puderam obter sobre nosso passado e presente no setor da hinologia, e inclui, de mistura com hinologia, subsídios para a história do evangelismo nacional. O rigor da documentação transparece à simples observação do fato de que, embora *Música Sacra* seja quase quatro vezes mais extensa que o estudo sobre o Coral, às 43 notas de rodapé ostentadas por este aquela opõe 1063 notas, na sua totalidade notas de documentação.

E não se diga que é esse um aspecto formal, destituído de interesse: esse traço faz de *Música Sacra* uma obra fundamental, de consulta obrigatória, para o estudo da hinologia, com subsídios interessantes no plano da história geral do Protestantismo brasileiro.

Sendo uma refundição do estudo publicado em "O Estandarte", reúne tudo o que ali saiu, expondo-o em tom diverso, com maior amplitude, maior profundidade e maior rigor de documentação. A estrutura do trabalho sofre também modificações.

*Música Sacra* divide-se em cinco partes. A primeira é introdutória e consta duma explicação modesta sobre o intuito da autora, seguida de algumas palavras sobre o interesse da música no culto cristão (págs. 1-28). A segunda parte trata dum primeiro período da história da nossa música sacra, compreendendo os sécs. XVI-XVII: experiência de Hans Staden, França Antártica e Domínio Holandês, seguidos do silêncio do séc. XVIII (págs. 29-68). A terceira trata do segundo período: estabelecimento da Igreja Anglicana, dos luteranos, e notícias de Spaulding, Kidder e Fletcher. Compreende a primeira metade do séc. XIX (págs. 69-103). Esses dois períodos são uma espécie de pré-história do nosso culto em língua portuguesa. A quarta parte examina o terceiro período, que chega até nossos dias: é o período da criação e do desenvolvimento da hinologia nacional. Esse período dura um século — de 1855 até hoje — e é, sem dúvida, o mais importante de todos (págs. 105-316). A última parte é complementar e situa-se dentro do terceiro período: esboço biográfico de alguns autores e compositores, exame das publicações hinológicas evangélicas independentes, gravações, programas radiofônicos (págs. 317-398). As páginas 399-424 contêm uma bibliografia copiosa e as páginas 425-448, um bom índice alfabético.

Há já alguns meses que eu estou para fazer

da obra uma apresentação minuciosa, com algumas observações críticas. Não queria fazê-lo, sem um demorado exame, e esse apenas agora é que pude completá-lo. Lamentando que a pequena circulação de "Cristianismo" impeça que esta mensagem alcance o maior número de interessados, procuro remediar a deficiência de divulgação recomendando-lhe a leitura com tal insistência que impressione a alguns pelo menos. E' de se recomendar que a leiam todos os que se interessam pelo serviço do culto: pastôres, oficiais de Igreja, oficiais de Escola Dominical, diretores de cântico, organistas, membros de cântico e diretores de sociedades leigas, todos terão muito que aprender nesse precioso livro. Os coros que tenham biblioteca organizada, as Escolas Dominicais, as sociedades leigas da Igreja, devem tê-lo em suas bibliotecas, e estas últimas estudá-lo em sessões de cultura espiritual.

Dado o seu interesse, não temo em quase transformar esta nota em anúncio, juntando alguns esclarecimentos importantes, quanto à sua aquisição. Seu preço é Cr\$ 800,00, podendo ele ser adquirido, em São Paulo, nas várias livrarias evangélicas: *Livraria Internacional* (Líbero Badaró, 92, 7.º, sala 71); *Saléluz* (isto é, *sal e luz*, nova livraria dirigida por Manuel Ferreira) (rua Senador Feijó, 30, 1.º, sala 206); *Imprensa Metodista* (rua da Liberdade, 655); *Casa Publicadora Batista* (Av. São João, 816); *Casa Editora Presbiteriana* (rua Helvétia, 732); *Livraria Independente* (rua São Bento, 331, 1.º, salas 3-4). Ainda há outras, mas essas são aquelas cujo endereço me estava à mão.

As qualidades do livro devem ser ressaltadas. E' um livro ecumênico, uma reunião de dados e informações cujo interesse ultrapassa o quadro da hinologia evangélica, um trabalho consciencioso, honesto, rigoroso, apesar da modéstia que transpira o prefácio.

E' ecumênico. Como vimos, reproduz a matéria das 14 seções do estudo de "O Estandarte", dedicadas às várias organizações eclesiásticas que trabalham entre nós. E ainda a essas seções se acrescentam informações importantes sobre a Igreja Cristã Reformada de São Paulo, a Sociedade Missionária Interamericana, as Missões entre os Índios, o Instituto de Cultura Religiosa, e as Capelarias Evangélicas, sempre examinadas dentro do interesse hinológico.

E' uma reunião preciosa que vai além do quadro da hinologia. O leitor atento encontrará bons subsídios para a história do evangelismo brasileiro, e, às vezes, até de passagem, endereços preciosos de Igrejas e organizações.

E' um trabalho paciente e rigoroso. Além da vasta bibliografia, inventariada no fim e a

cada momento invocada nas notas de rodapé, é impressionante o número de jornais, publicações muitas vèzes antigas, consultadas em bibliotecas, publicações circunstanciais (convites, notícias de reuniões, relatórios, etc.) e de informações pessoais recebidas pela autora, de viva voz ou mais particularmente em cartas, em resposta a consultas suas. Essas cartas remontam a 1953 e 1954, o que nos ajuda a datar, não o início, mas o avanço da sua laboriosa pesquisa.

Certamente, há falhas a notar: falta notícia mais pormenorizada das nossas composições sacras nacionais, ou de adaptações do que é nosso à hinologia. De uma ou outra aparecem notícias ocasionais. Cabe ainda observar que o título da obra insiste em música sacra, ao passo que o seu conteúdo real reúne pouco relativamente de música sacra, muito mais de hinologia em geral e muito de história do evangelismo. Algumas das informações já deixaram de ser atuais e outras contêm pequenos enganos, às vèzes devidos às próprias fontes de informação.

Algumas dessas lacunas, num trabalho de pesquisa tão séria, suscitam uma responsabilidade do leitor a quem èle beneficiará: a de examinar criteriosamente o seu conteúdo e colaborar com a autora, enviando-lhe informações pessoais, locais, regionais e denominacionais, a fim de fornecer-lhe elementos para melhorar seu trabalho em futuras edições. Porque èle merece ser divulgado nesta edição e merece algumas reedições pelo seu conteúdo de valor permanente.

Como se pode ver, estas reservas não depreciam a obra. Na sua modéstia, um livro pioneiro, bem documentado, deve reunir o que se encontrar. Devemos agradecer à Profa. Henriqueta Rosa Fernandes Braga sua dedicação à pesquisa e sua despretensão, que a levou a aceitar a tarefa de realizar uma obra imperfeita, mas suculenta e inspiradora, mais útil do que uma monografia tènicamente perfeita, de 60 ou 70 páginas, adstrita apenas à música sacra, mas de menor interêsse geral. Devemos agradecer-lhe o ter realizado uma obra pioneira, aproveitando inclusive os depoimentos de algumas testemunhas que partiram dêste mundo antes que seu livro viesse à luz. E êsses depoimentos são importantes, porque uma testemunha que parte é uma informação que se perde no silêncio.

As despesas com a tipografia aumentaram. O jornal depende de seus amigos, e conte com sua cooperação pronta.

## SÚMULAS E SELEÇÕES À MARGEM DE NOVA DELHI

Divulgamos, sob novo título, interessantes considerações de Jean-Marc Chappuis, publicadas em "La Vie Protestante", a 5-I-62.

**O** ECUMENISMO conta pessoas impacientes. Felizmente, pois a sabedoria dos prudentes e a prudência dos sábios nunca foram inovadoras, nem no mundo nem na Igreja. De retôrno de Nova Delhi, começarei por fazer o elogio da impaciência ecumênica.

Elogio de Philip Potter, pastor metodista da Jamaica, que ousou dizer, no plenário de Nova Delhi: "As Igrejas não desejam tornar visível a unidade, não sòmente aquela que é oferecida em Cristo, mas também a que é dada aqui e agora, nos assuntos em que foi alcançado acôrdo... A incapacidade de nossas Igrejas para sacudir o jugo do passado e para abrir-se às exigências atuais provocou em Estrasburgo — por ocasião de uma conferência de estudantes cristãos — cólera e profunda ansiedade..."

Elogio de Sir Francis Ibiem, leigo africano, que não hesitou em declarar: "Se os europeus não conseguem liquidar suas questões na Europa ou na América, pelo menos que não impeçam os africanos de tentar suas possibilidades na África".

Elogio da juventude ecumênica, que recusa aceitar como normais — e o declara — as separações confessionais diante da Santa Mesa.

Elogio da impaciência ecumênica, de fato. Entretanto é necessário que esta impaciência não seja fruto da ignorância. Philip Potter, Sir Ibiem e a juventude ecumênica sabem (ou deveriam sabê-lo) que a lentidão das Igrejas não é unicamente o efeito de seu pêso histórico; ela decorre também de questões de consciência muito sérias, as quais precisamos conhecer, estudar, aprofundar, até a hora, que não se pode prever, de um desenlace possível. Philip Potter, Sir Ibiem e a juventude ecumênica sabem isto, ou deveriam sabê-lo. E é preciso que tóda gente o saiba.

Voltamos de Nova Delhi. Os impacientes nos recebem com a pergunta: "O que ocorreu na Assembléia ecumênica? Deram um passo decisivo em direção à unidade das Igrejas?" Direi logo mais o que, segundo entendo, aconteceu. Mas, antes de mais nada, é preciso lembrar que o ecumenismo se torna sempre de novo — e muito simplesmente

— uma mútua descoberta dos cristãos e das Igrejas. Quando novas Igrejas entram para o movimento — como o fizeram vinte e três corporações em Nova Delhi, de cujo número são os russos ortodoxos e os chilenos pentecostais — torna-se mister primeiro estabelecer relações. Perguntei ao Pastor Campos, delegado pentecostal, qual a sua opinião sobre a Assembléia; respondeu-me: “Para mim, trata-se de uma completa adaptação. E’ difícil. Mas impressiona-me a geral aspiração à unidade, e igualmente impressiona-me o valor das velhas Igrejas”. Assim o Pastor Campos começa a descobrir o valor das velhas Igrejas. Acha-se certamente mais adiantado que a maioria dentre nós que sem dúvida não começamos ainda a descobrir o valor do movimento pentecostal! E’ preciso uns e outros ficarem conhecendo-se, deixarem cair os preconceitos e as idéias já formadas, porem-se a escutar o outro, esforçarem-se por compreendê-lo como êle próprio se compreende. Se êste esforço é difícil para o Pastor Campos, é-o também para os ortodoxos russos, podemos ter certeza disso. E’ difícil para cada um de nós. Isto exige aquela “divina paciência” de que falou em Nova Delhi o Arcebispo de Cantuária, e sem a qual a impaciência ecumênica não passa de uma agitação vã e decepcionante.

O que “aconteceu” em Nova Delhi? Primeiro, esta mútua descoberta, que para os mais adiantados nunca termina e que os recém-chegados precisam empreender.

Será só isso? Não, certamente. Em Nova Delhi, por três vezes, puderam dizer: “pela primeira vez”. Três sinais evidentes de uma evolução positiva apareceram. Os mais impacientes entre os impacientes os julgarão insuficientes. Os pacientes apreciarão melhor o valor desse progresso.

“Pela primeira vez” o Conselho Mundial de Igrejas resolveu propor a seus membros uma fórmula descritiva dessa unidade em prol da qual trabalha. O leitor encontrará neste número a passagem central de tal documento. Êste passo é importante. A Assembléia julgou oportuno ultrapassar aquilo que se poderia designar como a etapa comparativa do movimento ecumênico. Até agora, de fato, o diálogo ecumênico consistia em comparar, entre as delegações, as diversas concepções de unidade que as Igrejas professam. Alcançamos agora uma nova etapa, que se poderia chamar a etapa da convergência. Uma formulação descritiva da unidade foi adotada de comum acôrdo. Ela deixa subsistirem, é evidente, numerosos e sérios desacordos, que aliás o documento enumera e expõe. Porém esta comum formulação concretiza uma convergência que se delineou lentamente no decurso da etapa precedente. Ela oferece uma nova plataforma, na qual se continuará o esforço

pela unidade em condições mais favoráveis. Agradamos salientar aqui que o Prof. d’Espine, membro do Comité Central do Conselho Mundial e da Comissão de “Fé e Constituição” desempenhou papel importante nesta evolução.

“Pela primeira vez”, em Nova Delhi, a delegação ortodoxa se absteve de publicar uma declaração separada sobre os assuntos em pauta. Os impacientes julgarão muito pobre êste sinal negativo. Entretanto é o indício de uma evolução que também é importante. Até aqui o movimento ecumênico era claramente protestante. Torna-se agora mais largamente representativo da Cristianidade em seu conjunto. Quase tôdas as corporações ortodoxas ali estão representadas atualmente. Sentem-se assim muito mais “em casa” do que sucedia antigamente. O Arcebispo Iakovos explicou em Nova Delhi que as delegações ortodoxas não tinham sentido a necessidade de publicar uma declaração oficial, porque lhes bastava poderem manifestar sua opinião nas secções e comités de trabalho.

Será que desta evolução resultará, inversamente, que os protestantes se sentirão um pouco menos “em casa” do que antes, no movimento ecumênico? Em todo caso êles estarão menos “entre si” e precisarão muito mais largamente levar em conta as perspectivas abertas à pesquisa ecumênica pelas Igrejas orientais. Isto não se fará sem esforço. Já a questão da nova “base” doutrinária fez ressaltar a dificuldade. Já manifestei meu sentimento pessoal a êsse respeito: Lamento que a nova formulação não afirme a plena humanidade de Cristo como afirma sua divindade. No curso da discussão geral na qual se havia de chegar à adoção da nova base, por uma considerável maioria, diversos oradores acautelaram a Assembléia contra os perigos de uma ênfase doutrinária ainda mais marcada para o movimento ecumênico. Esta maneira de ver não pode evidentemente ser a das Igrejas Ortodoxas. Entretanto o relatório na secção “Unidade” que foi adotada por todos, contém a seguinte distinção formal, a propósito das próximas etapas da investigação doutrinária: “As formulações intelectuais da fé não devem ser identificadas com a própria fé”. Isto significa que o movimento ecumênico sente como perigo o “doutrinarismo”; portanto não há razão alguma para que, em nossa diversidade, deixemos de nos sentir “em casa” no seio desse movimento. Isto entretanto sob a condição de darmos prova de compreensão e de um espírito aberto com relação àqueles que ali estão comprometidos com um ponto de vista diferente do nosso.

“Pela primeira vez”, finalmente, em Nova Delhi os membros de uma Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas foram convidados oficialmente a

participarem todos de um culto anglicano de Santa Ceia. Todos não puderam, em boa consciência, corresponder a êste convite. Tal foi o caso, em particular, dos ortodoxos, para os quais a intercomunhão implica uma condição prévia — a unidade do ministério eclesiástico; o mesmo se deu com alguns anglicanos e pela mesma razão. Por minha parte, participei com alegria dessa comunhão, na certeza de estar convidado à mesa do próprio Senhor, e não à de uma Igreja em particular. Porém um companheiro, filiado como eu à confissão reformada da Suíça, absteve-se: êle era de opinião ser “mais honesto” não tomar parte numa celebração ocasional, que não ocorreria de novo na vida comum. Com efeito, o convite geral que nos era dirigido era somente válido para a circunstância excepcional que nos reunia em Nova Delhi. Não há dúvida que nos achamos, neste ponto, ou aquém ou além das normas da lógica cartesiana.

Com efeito, ou a intercomunhão pressupõe a unidade do ministério eclesiástico, e não pode realizar-se em caso algum, enquanto essa unidade não existir; ou então a unidade do ministério eclesiástico não é indispensável, e neste acaso a intercomunhão deveria poder celebrar-se em tôdas as circunstâncias.

Os “católicos”, romanos ou não, estarão inclinados a dizer que nós estamos aquém da lógica. Referir-se-ão, neste caso, ao relativismo protestante e, se forem latinos, ao empirismo anglo-saxão. Os “protestantes” dirão preferentemente que nos achamos além da lógica; e que, nos caminhos ecumênicos, a Providência Divina inaugura itinerários imprevistos e não codificados nos guias da Teologia racional. Por minha parte subscrevo convictamente esta última opinião. E' sem dúvida porque, mais do que julgo, sou um impaciente do ecumenismo!

E' por êsse motivo que aceitei também o convite que nos foi feito, no último domingo, pela Igreja (unida) da Índia do Sul e pela Igreja Unida da Índia do Norte. A participação foi muito menos numerosa, pois não se tratava então de um dos cultos oficiais da Assembléia. Muitos delegados se haviam dispersado entre as diversas igrejas de Nova Delhi. Mas numerosos “impacientes” se tinham reunido alegremente na espaçosa tenda erguida atrás do Palácio dos Congressos. Uma visão inesquecível em sua simplicidade foi-nos dada naquela manhã. Atrás da Santa Mesa, onde iríamos logo mais participar da Ceia, os oficiantes tinham tomado lugar. Eram todos ministros de uma ou outra das duas Igrejas unidas e estavam trajados com as vestes talares de suas comunidades originárias. Entre êles um reformado suíço, com beca preta e cabeção branco, o Pastor Rossel, atualmente diretor da Missão de Basiléia, outrora pastor

da Igreja da Índia do Sul; a seu lado, pastôres indianos, norte-americanos, europeus, outrora anglicanos ou metodistas ou congregacionais, trajando becas de várias côres, usadas em suas confissões de origem. Um sinal verdadeiramente visível da unidade da Igreja ali estava sob nossos olhos: unidos em sua diversidade, diversos em sua unidade, pastôres e crentes estavam reunidos e participavam do mesmo pão, e se saciavam no mesmo cálice.

A quem devemos êste sinal? Às jovens Igrejas impacientes? Aos protestantes relativistas? Aos anglo-saxões empíricos? À Providência desconcertante do Chefe da Igreja? Quanto a mim, não tenho a menor dúvida a respeito.

### O HOMEM SANTO...

Todos corriam para ver aquêles homem...  
Era tão meigo... Era tão bondoso...  
Sorria às criancinhas, falava-lhes com ternura,  
Dispensava aos moços paternal afeto  
E, fraternalmente, confortava os velhos...

Por isso todos o saudavam confiantes:  
Aonde vais, tão cedo assim, o piedoso Enoque?!  
Ainda é madrugada!... Nem o sol nasceu!

E êle respondia, amavelmente, a seus amigos:  
Vou aos excelsos altares de pedras santificadas  
Contemplar, face a face, o Todo-Poderoso;  
Vou oferecer-lhe sacrifícios expiatórios;  
E, com o aroma suave da ação de graças,  
E das ofertas alçadas,  
Rogarei por vós e por mim também...

Depois desaparecia nas curvas dos caminhos  
Sob a unção do amor e do respeito [pedregosos,  
De tôda aquela gente agradecida...

Um dia não o encontraram ao romper da alva.  
Não o viram, mesmo, quando o sol, a pino,  
Dardejava iônios inflamados sôbre a terra [comburida...

Já baixava o violáceo crepúsculo vespertino,  
Mas o piedoso varão não surgia na diuturna senda!

Passam-se os dias... Sucedem-se as luas novas...  
E os jovens, e os anciãos e as crianças que corriam  
Para ver e ouvir o homem santo,  
Nunca mais o encontraram... nunca mais!

Então as criaturas, desoladas, saudando-se, ansiosas,  
[indagavam:  
Que lhe teria acontecido?... Alguém o [arreatara?  
Nas margens de que rio assistiria agora?

Eis, porém, ressoando, uma voz celestial  
Que, docemente, dissipa a angústia do mistério:  
“Enoque sempre andou com Deus;  
E não está mais na terra;  
DEUS, para SI, o tomou!”

J. G. Pacheco

## NOS DOMÍNIOS DA BÍBLIA

### DIVULGAÇÃO

De "A Bíblia no Brasil" extraímos alguns dados referentes à impressionante obra de divulgação geral das Escrituras Sagradas, feita através das Sociedades Bíblicas.

— O ano de 1960 é o recorde nos últimos anos na circulação mundial de Escrituras. O total de 1958 foi de 26 milhões de exemplares e, em 1959, 29 milhões. Já no ano de 1960 a circulação ultrapassou a casa dos 34 milhões de volumes em todo o mundo.

— No ano de 1959 o Brasil ocupava o 3.º lugar na circulação mundial. Em 1960 desceu para o 4.º lugar. Ocupam-lhe a dianteira, Sociedades Bíblicas nos seguintes países: 1.º lugar — Estados Unidos; 2.º lugar — Índia; 3.º lugar — Japão.

— O 3.º colocado, o Japão, circulou 1.850.048 volumes enquanto a Sociedade Bíblica do Brasil distribuiu 1.844.945. Diferença de 5.103, exatamente.

— Fato interessante foi a circulação realizada por Cuba, num total de 644 mil exemplares, o que lhe garantiu o 6.º lugar, enquanto a Argentina, com 1 milhão e cem mil volumes, ocupava o 5.º lugar.

— Das 1.844.945 Escrituras distribuídas pela Sociedade Bíblica do Brasil em 1960, mais da metade, ou seja, exatamente 948.847, foram vendidas por colportores voluntários.

### EDIÇÕES ESPECIAIS

**Uma edição falada** da Bíblia, destinada a cegos — a exemplo do que existe em inglês e se prepara em outras línguas, como o português — foi gravada na França, conforme o que se anuncia na imprensa secular, por atores, entre os quais se encontra Fernand Gravey. A iniciativa partiu de um grupo de protestantes de Paris.

**Edição ilustrada** dos Evangelhos está sendo impressa na Itália, segundo informa a mesma imprensa, enriquecida com numerosas fotografias. Trata-se da primeira obra no gênero e é trabalho conjunto de um estudioso das Sagradas Escrituras e de um jornalista fotógrafo, ambos religiosos. O texto do Evangelho foi traduzido do grego pelo Padre Angelico Poppi e as fotografias foram tomadas na Pa-

## ATRAVÉS DO MUNDO

### NO BRASIL

#### Prof. Benjamin H. Hunnicutt

Faleceu em S. Paulo, em janeiro último, o Prof. Benjamin H. Hunnicutt, que, filiado a uma das Missões Presbiterianas que operam no Brasil, prestou relevantes serviços à nossa terra, durante várias décadas. Primitivamente ligado ao ensino agrícola do Instituto Gammon, de Lavras, e aposentado quando Presidente do Instituto Mackenzie, de S. Paulo, o Prof. Hunnicutt fez muito pelas causas educacionais e sociais do Brasil, e tem seu nome altamente relacionado com a obra geral de cooperação cristã no Brasil, tendo sido um dos criadores da Associação Unuarama e da Associação Cristã de Beneficência. Do Governo Brasileiro, recebeu êle a honrosa comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul. Escreveu dois livros importantes: "BRAZIL LOOKS FORWARD" e "BRAZIL WORLD FRONTIER" e numerosos artigos em revistas. Estava planejando a construção de uma capela em Unuarama, quando o Senhor o chamou, certamente porque tinha para êle planos mais altos e de maior amplitude.

#### Conferência Internacional

A Confederação Evangélica do Brasil está anunciando que deverá reunir-se no Rio de Janeiro, de 19 a 25 de agosto, a XI Conferência Internacional de Serviço Social. Estão sendo convidados todos os que vêm participando de programas sociais. Haverá reuniões preparatórias da Conferência.

Destina pelo mesmo padre, coadjuvado pelo Padre Elia Bruson. Visitando a Palestina, os dois religiosos recolheram abundante e valioso material fotográfico. O volume conterá 300 fotografias, das quais 32 em cores, e terá 256 páginas. É, pois, uma iniciativa católico-romana.

### NAS AMÉRICAS

#### Episcopais e União

A Igreja Protestante Episcopal nos Estados Unidos, em sua Convenção Geral, tomou importantes decisões para apoiar os esforços de união cristã naquele país e em toda parte. Essa Assembléia, trisemanal, sob a presidência do Bispo Artur Lichtenberger, resolveu aceitar o convite da Igreja Presbiteriana Unida para participar das conferências de união, nas quais tomará parte, igualmente, a Igreja Metodista.

#### Contra a Segregação

Quinze pastores protestantes episcopais — 12 brancos e três negros — foram presos em Jackson, Mississipi, por terem perturbado a ordem pública: haviam tentado uma "operação contra a segregação" em uma sala-de-espera de ônibus. Treze foram libertados sob fiança. Os dois restantes resolveram permanecer na prisão para manifestar seu protesto.

#### Nova União

A Igreja Reformada dos Estados Unidos e a Aliança das Comunidades Congregacionais decidiram, por grande maioria, fundirem-se para formar a Igreja Unida de Cristo. Dos 33 Sinodos da Igreja Reformada, 32 se pronunciaram a favor da união e 3547 comunidades congregacionais, das 3889 existentes, fizeram o mesmo.

#### Conhecimento Mútuo

Serão organizadas conferências entre representantes das principais Igrejas Reformadas, Presbiterianas e Luteranas dos Estados Unidos, para o exame do que elas têm em comum e em oposição. Não se trata de qualquer união imediata, mas de uma ação em conjunto em face da situação atual.



### Discípulos e União

A Convenção Internacional das Igrejas Cristãs (Discípulos de Cristo) decidiu, em sua Assembléia Anual, aceitar o convite da Igreja Unida de Cristo para organizar conferências unionistas. Os Discípulos encarregaram seus representantes de tomarem em consideração "qualquer proposta sincera".

### Perspectivas no Canadá

As conversações entre a Igreja Anglicana e a Igreja Unida desenvolvem-se, no Canadá, em "clima de animação". Isto declarou o Bispo Godfrey P. Gouwer á Assembléia Anual do Conselho Executivo de sua Igreja. Os representantes de ambos os lados "discutem, diretamente, questões essenciais", como a doutrina do Ministério e do Episcopado. Quanto às conferências entre anglicanos e presbiterianos, declarou, ainda, o Bispo, que elas "progridem lenta e prudentemente".

## NA EUROPA

### Igreja na Áustria

O Parlamento Anstriaco aprovou o novo Estatuto Legal da Igreja Evangélica da Áustria. (Igreja Evangélica da Confissão de Augsburgo e da Confissão Helvética). Esse texto marca o sucesso de quarenta anos de esforços da Igreja Evangélica a fim de oferecer uma base legal a suas relações com o Estado, correspondente á situação atual. A nova lei concede plena autonomia á Igreja Evangélica, equiparando-a a outras Igrejas e grupos confessionais, o que representa real progresso em relação á Carta Protestante de 1861.

### Luteranos da França

Os pastores das duas Igrejas Luteranas francesas solicitaram á Aliança que as congrega, o início de conversações atinentes a questões teológicas e eclesiásticas que

ainda as separam. Pediram, também, que sejam encontrados os meios "pelos quais a união das duas Igrejas Luteranas da França possa manifestar-se de maneira mais concreta em suas mútuas relações, bem como em seu testemunho".

### Padres Operários

Sete padres operários franceses, que agem segundo nova orientação, fizeram uma viagem de estudos á Alemanha Federal e, para conhecerem o trabalho social dos Protestantes na Baviera, tomaram contacto com um serviço de Augsburgo. Ali, por sua vez, expuseram suas experiências em França. O Abade Delaby ressaltou que, em sua diocese, Arras, região muito industrial, onze eclesiásticos foram encarregados pelo Bispo de trabalharem entre os operários como capelães, e não mais como artífices, função esta interdita, em 1954, pelas autoridades da Igreja.

### Missa em Inglês?

A Sociedade Vernacular da Grã-Bretanha, que conta com dois bispos e muitas centenas de padres e leigos católicos romanos, submeteu á Comissão de Liturgia, preparatória do II Concílio Ecumênico do Vaticano, uma recomendação propondo que "a língua inglesa seja a língua litúrgica normal" na Grã-Bretanha, salvo quando o bispo local julgue a língua francesa mais apropriada (como pode acontecer no Canadá). Sugere, contudo, a permanência de certas expressões latinas como "Dominus vobiscum". Tal iniciativa se aplica também aos demais sacramentos.

### As Igrejas Livres e a União

Uma Comissão constituída em novembro último, composta de representantes Metodistas, Batistas, Congregacionais, Presbiterianos e, ainda, de outras Igrejas menos importantes, apresentou relatório ao Conselho Federal de Igrejas Li-

vres inglesas, concluindo que qualquer tentativa para a realização imediata de união orgânica, terminaria "certamente em revés". O relatório concita o Conselho a proporcionar às Igrejas filiadas os meios de cooperação para o progresso gradual do objetivo de união, e que haja, em particular, conversações de Igreja com Igreja.

### Teólogas Futuras

Informa-se que entre os 207 estudantes matriculados na Faculdade de Teologia Luterana de Helsinki, na Finlândia, estão 99 mulheres, e que em outra Faculdade existe a mesma proporção. Aliás, já sobe a 305 o número de finlandesas que foram aprovadas em seus exames finais de Teologia.

### Novas Atividades

Das 40 igrejas destruídas na City, em Londres, durante a guerra, 16 foram reconstruídas. Os serviços religiosos, porém, foram alterados e adaptados às necessidades locais. Não há, agora, cultos dominicais, mas breves serviços religiosos ao meio dia, durante a semana de trabalho. Há, também, grupos de discussão, coros e concertos musicais, e vários serviços especializados, como o de socorro pelo telefone.

### Conversão Ruidosa

O Prof. Stig Lindholm, livre-docente da Faculdade de Teologia de Upsala, renunciou sua Cadeira e converteu-se ao Catolicismo. O facto provocou viva emoção na Suécia, onde, por duas vezes seu nome fôra incluído no rol de candidatos ao Episcopado da Igreja Luterana, além de integrar importantes comissões eclesiásticas daquela Igreja.

Para regularizar nosso trabalho, gostaríamos de ter indicação de qualquer correção a fazer nos endereços dos assinantes.

Pede-se ao Correio, não encontrando o destinatário,  
o favor de devolver — Caixa 6.613 — São Paulo

---

## O PROTESTANTISMO E A REFORMA

Com êsse título, estará nas livrarias, no mês de junho, novo livro de

EPAMINONDAS MELO DO AMARAL,

que dará início à **Coleção Otoniel Mota**, publicada pela **Sociedade Cristianismo**, que constará de obras de cultura religiosa e de renovação espiritual, editadas ocasionalmente.

Em sua **Parte Primeira — O Sentido da Reforma** — o livro, em 4 caps., estuda: o **fenômeno histórico**, o **caráter** daquele acontecimento, bem como seus **princípios básicos e valor**.

A **Parte Segunda — O Protestantismo em Face da Reforma** — aprecia, em 5 caps.: o **Protestantismo histórico**, e alguns desvios da sua genuína vocação — **individualismo, negativismo, formalismos e falhas no culto**.

Na **Parte Terceira — Perspectivas** — há 5 caps., que tratam dos **problemas da autoridade, da doutrina, e eclesiásticos**, apresentada, no final, a **ação do Protestantismo**.

O livro aborda êsses assuntos com franqueza, procurando ser justo e imparcial.

A distribuição está entregue à **Livraria Saleluz — R. Senador Feijó, 30, 1.º and., sala 206 — ou Caixa Postal 7885 — S. Paulo**.

---



